

CULTURAS JUVENIS E AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS: EXPERIÊNCIAS EM BLUMENAU/SC

Queli Flach Anschau *

Resumo: Nossa discussão nesse trabalho objetiva trazer à tona as ações juvenis expressadas através do movimento de ocupação dos espaços públicos por jovens na cidade de Blumenau. Partiu-se da hipótese que a lógica do mito fundador, constantemente resgatada por esta cidade, na mesma medida que é assimilada por uma geração, sutilmente é questionada por outra, através de suas expressões nos espaços públicos dessa cidade. Referencia-se espaço público por ser este, historicamente, o lócus do exercício para condição humana, e juventude por ser esta uma fase de vida que traz em si um vigor próprio. Neste bojo, os espaços públicos da cidade se apresentam como espaços de excelência à medida que se constituem em palcos abertos, com poucos holofotes institucionais reguladores, permitindo a esses sujeitos, exercitar suas potencialidades de forma mais livre e conseqüentemente de forma mais profunda. Conclui-se que reconhecendo a importância dos espaços públicos, podem-se reconhecer neles os exercícios diversos como legítimos e formadores de identidades.

Palavras-chaves: Espaços Públicos; Cidade; Cultura Juvenil.

Abstract: This paper aims to highlight the actions of youngsters expressed through the occupation of public spaces in the city of Blumenau, Santa Catarina. Public spaces are herein understood as the loci for the full development of human condition. It is argued that public spaces of the city present themselves as spaces par excellence as they constitute open areas with few controlling institutional spotlights, allowing the youngsters to free and deeply exercise their potentialities. Taking some youngster movements under consideration it is possible to recognize new means of generational sociability that have an influence on the urban development by the subjective formulation of social identities.

Keywords: Public Spaces; City; Youngster Culture.

* Assistente Social/FURB, Especialista em Educação Popular e Movimentos Sociais/ISULPAR, Mestre em Sociologia Política/UFSC, ex-professora substituta do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. E-mail: qanschau@gmail.com.

Este estudo se concretiza a partir de um arcabouço sociológico e de um levantamento de dados quando bolsista do CNPq, no Núcleo de Estudos da Juventude Contemporânea/Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política/UFSC, coordenado pela Prof. Dra. Janice Tirelli de Sousa.

Tomamos como referência contextual para nossa pesquisa a cidade de Blumenau, no Estado de Santa Catarina, dadas as características da sua formação urbana, ao longo das últimas décadas. Esta, como muitas outras cidades brasileiras, se constituiu por meio de um processo de modernização que demarcou a introdução de novos hábitos e questionamento dos costumes. No entanto, se diferencia à medida que insiste na manutenção de uma lógica pautada na idéia de mito fundador, que reafirma a germanidade como sinônimo de ordem, trabalho e progresso, escondendo, ou negando, suas mazelas sociais que se expressam através de favelas em morros, assim enfraquecendo a identidade e pertença de outros grupos.

Partimos da hipótese de que esta lógica, na mesma medida em que é assimilada por uma geração, sutilmente é questionada por outra que tentar explicitar a diferença do postulado, por meio de suas expressões nos espaços públicos dessa cidade.

Com o método de observação/ação participante¹, mantivemos contato com os jovens nos espaços públicos com o objetivo de identificar tais espaços, verificar o que faziam ali e porque os haviam escolhido, na perspectiva de fundamentar o reconhecimento de como os jovens interagem com a cidade e identificar a existência de formas de contestação e/ou juvenilização social em suas ações. Objetivava-se, pois, fazer uma reflexão acerca da ocupação dos espaços públicos, especificamente da rua, da cidade de Blumenau realizada pela população jovem no sentido de identificar o quanto essa prática corrobora a criação de uma cultura juvenil determinada ou se a potencializa a partir de movimentos já constituídos.

As incursões de campo compreenderam o período de um ano, por desconsiderarmos as apropriações dos espaços públicos no período da *Oktoberfest* e outros eventos relevantes da cidade. Em todos os grupos a aproximação foi objetiva, até porque não havia a intenção de estabelecer uma convivência com os mesmos. A reincidência de sujeitos encontrados nos espaços possibilitou uma identidade comum em alguns momentos da pesquisa, inclusive indicações para outras abordagens. Esse fato nos deu entrada em alguns espaços ou junto a sujeitos com os quais talvez não tivéssemos possibilidades de interagir. Em todos os momentos iniciamos a conversa a partir de elementos comuns da realidade espacial onde se encontravam, conduzindo para o sentido que nos interessava e solicitando autorização para gravar depoimentos individuais.

Para compreender melhor esse cenário, vamos descrever o perfil das juventudes localizadas. Em seguida, com auxílio de um mapa, apresentaremos a localização espacial dos grupos e um resgate histórico de cada local, seu significado para a cidade e para esses jovens. Feito a devida localização do leitor sobre os espaços e do perfil geral dos jovens entrevistados, partiremos para a caracterização e expressão de cada grupo no momento da interação e significação com os referidos espaços, para depois apresentar uma montagem, que chamamos de cartografia dos circuitos juvenis para, por fim, tecermos algumas análises sobre os elementos relevantes que o trabalho possibilitou.

Blumenau tem sua extensão territorial verticalizada. Sua apropriação ocorreu às margens do rio Itajaí-Açu, que permeia literalmente de forma horizontalizada a parte central dessa extensão, fragmentando ainda mais os espaços dessa pequena largura geográfica. Sendo a região composta por vales, o não-alcance da vista já se torna elemento para fundamentar e denominar um novo espaço, um bairro ou favela.

Por conta de sua geografia, pode-se afirmar que Blumenau tem vários centros ou várias cidades dentro de uma mesma cidade, fenômeno comum nas cidades contemporâneas. No entanto, é no centro principal da cidade e em seus entornos que se constitui o palco escolhido pelos jovens para estarem nos espaços públicos. Saindo de suas comunidades ou bairros, deslocam-se de ônibus, de bicicleta, de *skate* e a pé para a região central, onde permanecem em praças, *shoppings*, calçadas e/ou parques, conversando, às vezes bebendo e fumando. Portanto, todos os entrevistados, que são na maioria descendentes de imigrantes alemães, oriundos dos mais diversos bairros de Blumenau, que,

em comum, partilham dos amontoados de casas e da pobreza, não estavam nos seus lugares identitários e de origem no momento das entrevistas. Talvez seja possível pensar na idéia de anonimato, do não censuramento e não-disciplinamento de suas atitudes por sua comunidade, mas também na possibilidade de retratar outra condição que não a de classe baixa, já que os espaços ocupados por eles no centro da cidade, por se constituírem em cartão postal, acabam sendo mais monitorados.

Nas falas e atitudes dos jovens pesquisados se fazia presente a busca pela possibilidade de livre expressão sem que ficasse claro o que isso implicaria. Manifestavam o desejo de sair do controle dos adultos, mas não conseguiam especificar que tipo de controle seria e que expressões diferenciadas queriam assumir. Muitas vezes, ocupavam os espaços sem nada nele fazerem concretamente, apresentando, portanto, nesse ato, uma necessidade vital da fase etária. Ao mesmo tempo em que transgrediam a normalidade e chamavam a atenção com isso, tentavam não ser reconhecidos pelas pessoas em comum de outras faixas etárias. Deste modo, uma via de mão dupla os caracteriza: ao mesmo tempo em que fugiam de elementos como família e comunidade, permaneciam em espaços importantes e visíveis da cidade, o que não caracteriza uma ação contestatórias, mas ao mesmo tempo pode ser tomado como expressão juvenil de suas potencialidades a serem direcionadas, como debate Mannheim².

Considerando esses elementos, poderíamos indicar que a apropriação que os jovens fazem dos espaços da cidade – sem que haja uma consciência de que o estejam fazendo³ – é uma estratégia de visibilidade. Isso explica a contradição entre a prática e o discurso do anonimato. No fundo, eles estão lidando com dois mundos: o mundo do concreto, do dia-a-dia dos bairros e das famílias, do qual querem fugir e o mundo “do imaginário”, o centro, o público, o que foi construído para os turistas, para “a sociedade”, a “estética”, o “ordeiro”, no qual querem circular por serem espaços estratégicos de expressão.

Com estas características acreditamos se tratar de grupos informais ou espontâneos de jovens em busca de uma afirmação identitária ou talvez em transição e negando uma identidade comum sócioespacial. Groppo, fazendo referência à discussão de Eisenstadt, afirma que dada à complexidade da sociedade moderna, os grupos etários recebem uma tarefa mais difícil, de transição da vida familiar para a vida social mais ampla⁴. Este processo conduz ao surgimento de vários grupos e agências dirigidos à juventude⁵, dentre eles os grupos juvenis espontâneos, os quais não servem para obtenção plena de um *status* adulto, embora não sendo ambivalentes a este. Para o autor, ao mesmo tempo em que esses grupos espontâneos procuram acentuar suas diferenças em relação aos adultos e opor-se a papéis parciais oferecidos, esforçam-se por se comunicarem e serem reconhecidos pela sociedade ampla. Apesar das diferentes orientações de valor e dos espaços ocupados não serem espaços de transição para um *status*, os grupos juvenis espontâneos constituem um processo de maturação social no quais os próprios jovens têm papéis relevantes ao criarem as primeiras disposições para identificação com a sociedade e por serem receptáculos de solidariedade⁶.

Apesar de considerarmos que esses espaços são de maturação e reconhecimento juvenil, percebeu-se na prática de alguns dos jovens pesquisados algumas contestações, sendo, talvez, a mais acirrada delas a “contestação” das condições econômicas. Os jovens em questão não acessam estabelecimentos oficiais por não terem recursos econômicos suficientes para pagar a diferença da prestação de serviços – garçom, *couvert* e outros – a que os supermercados, por exemplo, não estão condicionados. No entanto, permanecem geralmente em lugares que fazem frente ou lateral a espaços que prestam serviços de bar, lanchonete e similares. Acreditamos que devido à falta de clareza ou amadurecimento demandado por vários fatores da sociedade moderna, essas expressões, pautadas em fatos históricos de desenvolvimento urbano e principalmente na negação de uma moratória social aos jovens, não são potencializadas e acabam constituindo uma rebeldia sem causa para a sociedade. Segundo Groppo:

A multiplicidade das juventudes não se funda num vazio social ou num nada cultural, não emerge de uma realidade meramente diversa, ininteligível e esvaecida. Tem como base experiências sócio-

culturais anteriores, paralelas ou posteriores que criam e recriam as faixas etárias e institucionalizaram o curso da vida individual.⁷

Portanto, afirmamos que se explicitam no cenário público questões do social e não só do exercício político, porquanto esta juventude, apesar de institucionalizada em seu curso da vida a partir do projeto civilizador da modernidade, manifesta as desigualdades a ela impostas historicamente, como gênero, pobreza e localização territorial. Como não há um exercício reflexivo por parte dos jovens, a sua prática não se caracteriza como contestação política, mas se apresenta latente nos espaços como possibilidade de novos formatos de fazer o cotidiano.

Nesse contexto, entra em cena um outro elemento que alcança as juventudes nos espaços públicos: a segurança pública, ou o braço do Estado – a grande vilã das defesas institucionais contra as expressões juvenis. Com relação a esta questão, constatamos que nem sempre a polícia e a guarda de trânsito – no caso de Blumenau – referendam visivelmente a segurança para lados ou gerações distintas. Tanto para a sociedade, que reclama uma atitude frente à permanência dos jovens nos espaços públicos, quanto para os jovens, as ações relativas à segurança pública constituem o âmbito das representações. Para os jovens blumenauenses, a polícia é vista como truculenta e agressiva. Para sociedade blumenauense, a polícia “não faz nada”, pois não tira os jovens de determinados espaços.

Já nos dados da Polícia Militar, os jovens que estão nos espaços públicos são tidos apenas como elementos suspeitos, pois os laudos das ocorrências envolvendo o público juvenil afirmam se tratar de “averiguação de elemento suspeito” e a medida tomada pelos policiais é de orientar os “elementos” sobre o quanto suas atitudes se enquadram na contravenção penal: perturbação do sossego alheio. Em geral, o fechamento dessas averiguações/ocorrências implicam em fazer com que os jovens se “comportem” ou “sigam destino”, saiam do local, circulem, o que quase sempre fazem, indignados, mas sem enfrentamentos diretos.

A linha que permeia a resistência juvenil se rompe no lado mais fraco, neste caso o dos jovens pelo fato de que, até o momento, grande parte deles não teve nenhuma experiência igualitária, mas apenas de sujeição aos pais, aos mais velhos, à igreja, à escola etc. É justamente na fase da juventude que eles começam a “dar os primeiros passos” para quebrar as hierarquias e ascender a algum patamar identitário. No espaço público, se “subiu alguns degraus” – se assim podemos dizer no que se refere aos segmentos (pais, igreja, escola) que a juventude já desconsiderou devido à vigilância –, “eliminando” dele a comunidade, escola e família, mas a polícia ainda não. O fato de saírem dos bairros e ficarem “entre iguais” na rua mostra que eles estão fazendo experiências de novas formações sociais. No entanto, as representações acerca da polícia e de sua truculência aumentam e ganham ênfase em seus discursos por ser ela o aparelho institucional que ainda os enfrenta nos espaços públicos. Dessa forma, repudiam a polícia, mas não agem contra a regulação que acontece, já que valorizam as câmeras de vigilância e limpam os espaços onde permanecem para poderem ali voltar, sem apresentar nas ocorrências policiais motivo de ação efetiva contra si, mas apenas de diagnóstico e advertência. Mellucci, ao discutir elementos dessa natureza, afirma:

que sociedade não é mais a tradução monolítica de um poder dominante e de regras culturais na vida das pessoas, ela lembra um campo interdependente constituído por conflitos e continuamente preenchido por significados culturais opostos.⁸

Por isso, a aparência da regulação institucional é de agregação e tolerância, fato que, de certa forma, desmobiliza qualquer ação mais contundente por parte dos jovens mais críticos e determina a “obediência” dos demais. Estamos frente a outra estratégia de disciplinamento quando os jovens que estão nesses espaços, de certa forma, corroboram com esse “contrato”. A truculência está no imaginário dessa população uma vez que o disciplinamento acontece “naturalmente”, salvo raras exceções. Quando este “acordo” não apresenta resultado efetivo, a prática do revestimento e do “paredão” são usadas para reafirmar o estabelecido simbolicamente, ação que sempre culmina na obrigação de

mudar de espaço por parte dos jovens.

Apesar desse cenário de não-enfrentamentos diretos, segundo Melluci, esses conflitos se desenvolvem nas áreas do sistema que estão expostas aos maiores investimentos simbólicos e, por isso, de maior sujeição às pressões por conformidade, ainda que as ações dos atores desses conflitos sirvam como indicadores⁹. Ou seja, ocorrem como numa espécie de mensagem enviada à sociedade justificando a necessidade da ocupação dos espaços estratégicos e visíveis da cidade, por isso essas ações se constituem em desafios simbólicos, mesmo quando não alcançam um perfil político organizado.

A confirmação desse desafio simbólico se caracteriza quando o grande diferencial dessa população se manifesta com sua aparência visual e não necessariamente por suas ações. Encontramos na rua *skatistas*, *rappers*, *heavy metals*, *EMOs* ou simplesmente adeptos do *Rock and Roll* e aqueles sem referencial específico, mas que acabam por se enquadrar no padrão consumista de marcas. Alguns com referenciais orgânicos a movimentos, como foi o caso do *rappers*, outros não, mas todos fazem jus ao visual requerido por suas respectivas ideologias. Com exceção dos *EMOs*, todos se consideram segregados no contexto da cidade devido às suas aparências. Trata-se de uma segregação que aparenta incomodá-los significativamente, no entanto não o suficiente para alterarem suas práticas ou as próprias aparências. Isso nos leva a concordar com Groppo, ao afirmar que é na segregação, também, que os jovens podem atingir gradualmente, e com mais segurança, uma orientação ainda coletivista com seus iguais do grupo juvenil. Segundo este autor,

estes grupos acabam tendo “sucesso” como institucionalização secundária do jovem na sociedade moderna, porque são um segundo estágio de maturação psicológica e mantêm a capacidade de escolha entre alternativas segundo valores morais gerais, além de criarem uma estabilidade de comportamento e de vida emocional.¹⁰

Esse “sucesso” a que faz referência Groppo, ao falar da institucionalização secundária desses jovens como possibilidade de maturação, de estabilidade de comportamento adquirida entre os iguais, se apresenta nos grupos entrevistados, uma vez que todos – com exceção dos que estão na faixa etária inferior aos 16 anos – trabalham em empregos formais – como empresas têxteis, agências de publicidade, comércio – e moram com os pais. Além disso, a grande maioria concluiu o Ensino fundamental ou continua a estudar pelo compromisso de “se dar bem” e se mostrar como “exemplo aos seus pais”.

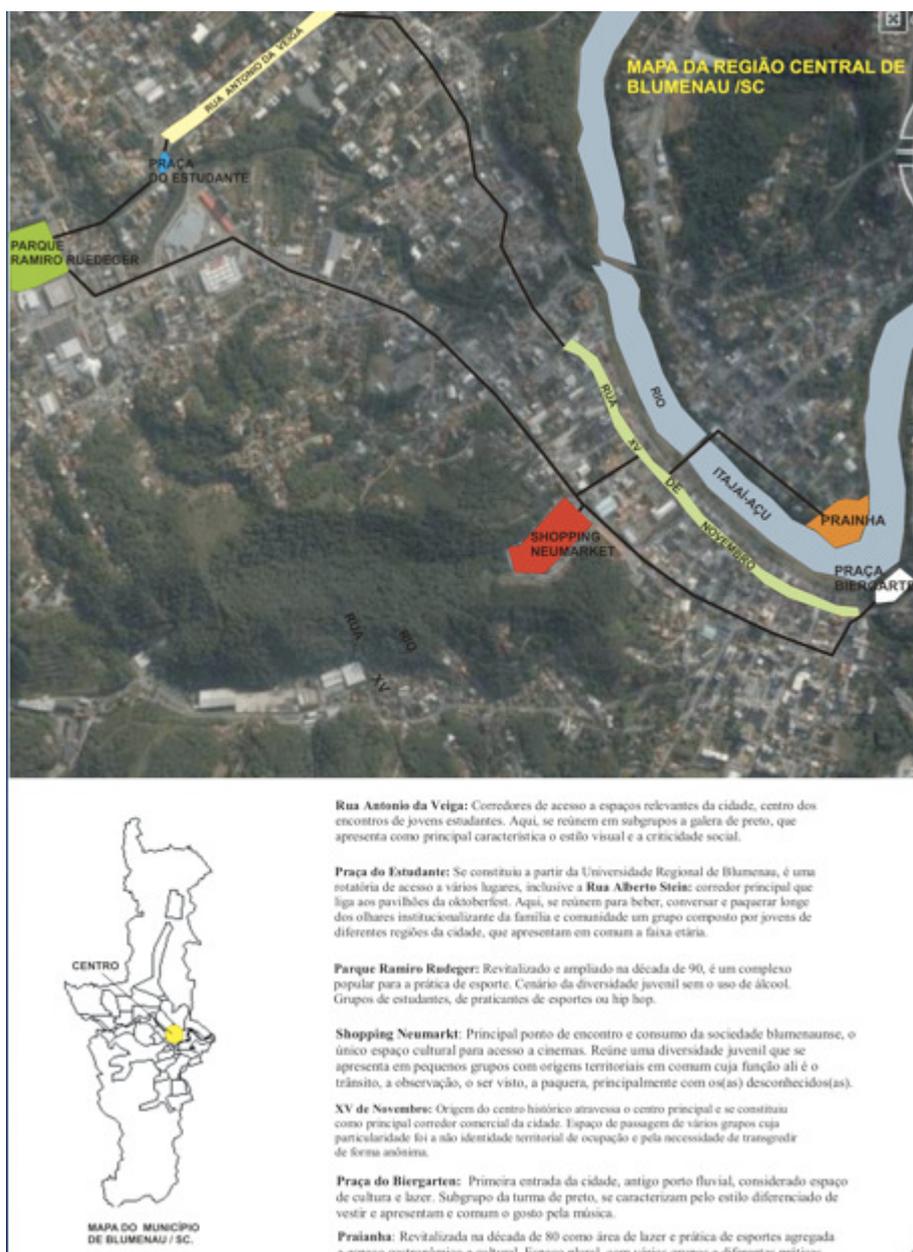
Percebemos também, a partir desses elementos, haver uma tolerância para com a perpetuação da estaticidade urbana. Na medida em que a diferença apresentada por esta geração não é questionada contundentemente pela sociedade, os jovens não perdem o motivo de acentuá-la, porém, não alteram significativamente os espaços que ocupam, mas apenas o ocupam. A identidade assimilada com relação à cidade é preestabelecida; os planos para com o futuro são uma imitação dos valores do mundo adulto, que, em Blumenau, estão pautados num tradicionalismo afirmado através do slogan “ordem e trabalho”, mensagem presente nas atitudes juvenis com relação ao futuro. Ora as falas desses jovens são conservadoras e suas práticas contestadoras, ora suas falas são contestadoras e suas práticas conservadoras; prática e consciência não se mostram andar juntas, de modo que a práxis não existe e nos deparamos com a rebeldia sem causa.

Os jovens entrevistados formam o que Mannheim definiu como unidade de geração, considerando que partilham de experiências que não são comuns aos demais integrantes da mesma geração blumenauense, pois é um percentual pequeno do total da juventude dessa cidade. Para o autor, unidades de geração se caracterizam:

pelo fato de que não envolvem apenas acontecimentos partilhados igualmente por todos [...], mas também uma identidade de reações, uma certa afinidade no modo pelo qual todos se relacionam com suas experiências comuns e são formados por elas.¹¹

Os jovens em questão estão nos espaços partilhando questões comuns à faixa etária na qual se encontram, mas principalmente as vivências possíveis dada a moratória vital de cada um. Coletivamente, estão nos espaços públicos sem muita propriedade acerca destes. O perfil geral desses jovens requer uma ampliação da análise, o que será feito a seguir na medida em que adentrarmos no reconhecimento das especificidades de cada espaço e grupo.

Foram reconhecidos e analisados oito grupos e quatro subgrupos. Dois grupos se definiram como *rappers*¹², dois como *heavy metals* ou amantes do *rock and roll*¹³ (conjuntamente com um subgrupo de *EMOs*¹⁴), um como *ciclistas* e outros três que não se definiram¹⁵. Esses grupos foram abordados em sete espaços distintos, em diferentes contextos da cidade os quais, numa perspectiva histórica não apresentam correlação, pois, todos datam fatos e momentos diferentes da cidade. No entanto, na perspectiva juvenil eles ganham outra dimensão, formando o que Magnani denominou de *circuitos*¹⁶, como mostra o mapa abaixo.



Apesar de nas cidades modernas os espaços públicos estarem concomitantes ao mercado e, por conta disso, se apresentarem porosos à força expressiva, não apenas dos argumentos, mas também

das *performances* e das formas não-verbais de comunicação, ocupá-los ainda consiste diretamente em destacar a importância desses, como necessários às atividades sociais em comum para condição humana. Os espaços públicos das cidades, apesar dessa metamorfose, ainda têm um grande papel na criação dos fomentos que conduzem à ampliação do grau de consciência dos sujeitos; eles são considerados historicamente como espaço de revelação, e se assim não for reconhecida e defendida pode se prestar indefinidamente à reprodução do poder daqueles que historicamente dominaram o processo de produção principalmente do discurso verbal¹⁷.

Para Costa, a esfera pública contemporânea, principalmente nas democracias maduras, se apresenta como um fórum comunicativo aberto e dinâmico, no qual novas questões são permanentemente introduzidas na ordem do dia. Para ele, não há uma distinção apriorística das fronteiras do público e do privado que defina de saída os temas passíveis de tratamento político. Nessa perspectiva, “a esfera pública apresenta-se, como órbita porosa e ubíqua que perpassa todos os níveis da sociedade e incorporam o conjunto dos discursos, visões de mundo e interpretações que adquirem visibilidade e expressão pública”¹⁸.

Portanto, para esse autor, o que existe é uma variedade de fóruns e arenas comunicativas que, na medida em que reivindicam algum sentido político, convergem para a esfera pública maior ou nacional, que por sua vez, pode ser compartilhada por estar mais acessível ao conjunto dos cidadãos. Em suma, nesse contexto, a esfera pública/espaço público constitui uma arena viva e dinâmica, na qual tem lugar um permanente processo de construção, desconstrução e reconstrução discursiva e simbólica dos cidadãos.

Observando isso, procuramos abordar o segmento social da juventude na sua relação com o desenvolvimento da vida urbana nos espaços públicos, considerando os jovens não só nas definições biológicas, mas também como um segmento social em estado de transitoriedade e/ou situado numa dada historicidade que constrói suas formas de organização nos espaços públicos.

Segundo Groppo, juventude é uma categoria social *estruturante* e gerada pela modernidade, originada da cultura e da sociedade ocidental, capitalista, burguesa e liberal do século XIX¹⁹. Por conta disso, a concepção de juventude ainda é marcada por caracteres definidores e legitimadores de científicidades, apenas baseadas em uma noção evolucionista do ser humano. Porquanto a história da modernidade tem sido a da criação de uma estrutura de faixas etárias, dentre as quais aquela que define a condição juvenil, sob os princípios universalistas e naturais, fundados principalmente na cronologização do curso da vida.

Apesar disso, devido à complexidade das sociedades modernas, múltiplas práticas, discursos e concepções foram criados, possibilitando desmistificar o caráter natural das faixas etárias, encaminhando a compreensão acerca da juventude como categoria social, não deixando, porém, de afirmar o cuidado que a determinação de estágio da vida bem circunscrita também responde aos inúmeros projetos sociais disciplinadores que pretendem guiar os indivíduos.

Para Groppo, desde a origem das juventudes, instala-se uma condição análoga às das demais categorias sociais geradas pela modernidade, tais como os projetos oficiais, concepções institucionais e ideológicas, as construções jurídico-legais e as políticas públicas que constroem, recriam ou reorganizam grupos e/ou coletividades sociais²⁰. Análogas porque, desde então, os “objetos” – de quem se esperava passividade – passam a elaborar, propor ou criar práticas de sociabilidade e valoração alternativas e ambíguas em relação às respostas oficiais resistentes, tornando-se deste modo, também sujeitos de ação social. Vemos isso nos movimentos de 1968, dentre outros enfrentamentos políticos inscritos na história mundial de revoltas que são, também, de uma geração juvenil²¹.

Para Abad, a proposta do capitalismo é anular a condição juvenil, como tantas outras que já foram em prol da absorção capitalista ao mercado de trabalho, reduzindo-a a condições meramente reprodutivas de trabalho e consumo²². Anulando completamente as potencialidades progressistas apontadas por Mannheim²³, que poderiam ser desenvolvidas na juventude. São abandonadas em prol da reprodução e conservação da estrutura capitalista, sendo preciso apenas a virilidade jovem para reproduzi-la.

Os espaços públicos possibilitam fugir a essa regra, apesar de que as ações juvenis que neles ocorrem nem sempre têm sido contestatórias e nem sempre terem assumido caráter político de ação. Temos que considerar que a rua – espaço público – como categoria de relação, sempre foi depositária, sempre permitiu a realização cidadã. Possibilitou a potencialização de espaço concreto e simbólico da sociabilidade a partir do exercício profundo e sem regras às potencialidades juvenis. *A priori*, caracteriza-se como espaço de sociabilidade, de ação e construção identitária. Portanto, a negação ou repressão desse exercício é suprimir a juvenildade desses espaços e o experienciar de uma geração.

Nesse processo dialético de sociabilidade que se dá entre as gerações, o caráter da experiência é fundamental para os indivíduos jovens, pois orienta o processo de socialização dos jovens e da própria sociedade. A experiência juvenil, segundo Mannheim, advém do *contato original*, sob o qual se estrutura o aprendizado da vida social. Para ele:

O contato original é um acontecimento na biografia individual [...] no caso das gerações podemos falar de “contatos originais” no sentido da adição de novas unidades psicofísicas que estão, literalmente começando uma “nova vida” [...] o contato original com a herança social e cultural é determinado, não através da mera mudança social, mas por fatores biológicos fundamentais.²⁴

São os elementos alavancadores ou motivadores desses contatos que demandaram historicamente que a relação dos jovens com as demais categorias se apresente de forma análoga. Ora como protagonistas, ora como regulados, ora como instrumentos nas mãos de outras gerações²⁵.

Nos movimentos dos jovens encontrados na cidade de Blumenau²⁶ as expressões coletivas observadas foram diversas. Consistiram em um misto de vontade própria e potencialidade juvenil. Ao mesmo tempo em que havia o reconhecimento e respeito às normas urbanas e sociais, havia uma transgressão simbólica presente no visual, gestos e posturas. Eles apropriavam-se dos espaços públicos para garantirem a sociabilidade coletiva e a formação de identidades, porém, mantinham a individualidade do privado como elemento fundante da moral, ou seja, suas expressões estavam permeadas por duplo valor: aquele pautado na lógica de mito fundador²⁷, povo ordeiro e trabalhador e outro, que se constitui em afrontar o contrário do que está estabelecido.

No entanto, à medida que se verifica o quanto essa transitoriedade de cidadãos jovens está imbricada em práticas reveladoras de potencialidades e sociabilidades, as quais legitimam identidades próprias aos jovens e seus movimentos, a sociabilidade aparecerá como categoria determinante de novas identidades no cenário blumenauense. Pois, quando esses jovens são questionados sobre a germanidade de Blumenau, negam-na, dizendo que não se sentem alemães, apesar de serem naturais da cidade. Ao falar em futuro, afirmam a necessidade de uma formação para ascender a um bom trabalho e constituir família. Quando foi abordada a questão familiar, assumem que apesar de todos morarem com suas famílias, a maioria omite delas essas práticas nos espaços públicos, pois de certa forma as condenam também.

Mesmo assim, a partir das ocupações dos jovens, a cidade ganha novos entornos, pois novos espaços são criados e renovados, novos bares e parques são reformados ou pensados nas proximidades das ocupações. Então, apesar de não romperem na totalidade com a lógica do mito fundador, podemos inferir que a juventude blumenauense provoca juvenilização dos espaços desta cidade, o que vem sendo constatado ao longo dos anos na sua formatação urbana, onde novas estruturas de sociabilidade foram ampliadas.

Segundo Canclini, o patrimônio simbólico imaginário de um povo se constrói na interação com o urbano²⁸, por isso acreditamos que o invisível de Blumenau não é alemão, mas que a identidade do seu público que interage com o espaço urbano é a multicultural. Pois encontramos nas ruas de Blumenau dois grupos que se definiram como *rappers*, dois como *heavy metals* ou amantes do *rock and roll* (conjuntamente com um subgrupo de *EMOs*), um como *ciclistas* e outros três que não se definiram. Consideramos esses últimos como “jovens padronizados pelo consumo” pelo fato de não assumirem nenhum referencial e estarem caracterizados com estilos/roupas da moda atual.

O que se verificou nesse contexto é que Blumenau, como qualquer outra cidade, sofre as transformações urbanas e não sabe lidar com as diferenças sociais, com as potencialidades juvenis expressas nessas diferenças e por conseqüente com a violência que isso representa. Reproduz a lógica adulta em todos os seus serviços e eventos. O seu diferencial se constitui em usar a “germanidade” para reprimir e privatizar os espaços públicos. Com essas práticas de apropriação da cidade, de vitalidade, e principalmente por serem de bairros pobres, os jovens não são reconhecidos, estão em detrimento da cidade ordeira. Nega-se aos jovens a possibilidade de romper com essa estrutura cultural, porém, não se nega à cidade um rejuvenescimento. Não obstante, a cidade ganha nova composição quando essa população específica está nas ruas, recebe novos ares a partir dessa afronta simbólica juvenil, assim como os espaços públicos historicamente ganharam. Sabemos que reconhecer isso implica em desmistificar estereótipos determinados socialmente, o que não acontece sem estruturar conflitos, portanto, se já há conflito geracional, podemos reconhecer que concomitantemente já existe essa desmistificação na prática, resta reconhecê-la socialmente.

No caso dos jovens, à medida que estes se negam, conscientemente ou não, em assumir determinados estereótipos atribuídos a sua geração, automaticamente constroem uma desordem social, pois “questionam o modelo”. Esse conflito segundo Heller, nada mais é que “rebelião das sadias aspirações humanas contra o conformismo: é uma insurreição moral consciente ou inconsciente”²⁹. Nessa direção, a negação mesmo que sem ser percebida, se constitui em outro caminho para a construção da identidade deste público, uma vez que escolha ou aceitação do papel é ideal e só será internalizada ou assumida na medida em que se viver esse papel em sua condição cotidiana.

Essa negação juvenil enviesada, mesmo que não efetivada em prática política contestatória, é uma reivindicação por parte dos jovens, pois, segundo Heller, as necessidades podem ser expressas simplesmente por gestos, com palavras ou com ações, sem necessariamente ter motivos para justificá-la³⁰. O que importa é que a partir disso, elas já existem e, se essas mesmas necessidades se generalizarem, podem ser justificadas por valores e traduzidas na linguagem das reivindicações. Talvez esse generalizar esteja na necessidade de coletivização dos jovens efetivada nos espaços da cidade, se considerarmos que sozinhos declaram sofrer menos preconceitos ou até passarem despercebidos em suas diferenças, as quais se acentuam quando estão juntos.

Mas o fato dessas novas necessidades às vezes parecerem irracionais é motivo suficiente para concluirmos que se devem reconhecer como reais todas as necessidades irracionais e não apenas as racionais, pois segundo Heller, tentar entender o mundo, fazer julgamentos sobre os atores, analisar, criticar, aceitar ou rejeitar as instituições políticas fora do raio de ação da pessoa, também são aspectos do “enfrentamento do contexto”³¹.

A observação dos jovens no cotidiano blumenauense permitiu descobrir a diversidade de comportamento entre as diferentes juventudes dentro de um mesmo contexto. Permitiu reconhecer, que se movem diferentemente em busca de identidade e vivências, se vestem de maneira diferente para serem vistos e reconhecidos, mas nem sempre se comportam de maneira diferente frente às gerações mais velhas. O que fazem é utilizar a moratória vital para expressar suas maneiras de pensar, de sentir e de agir, que nada mais são do que diferentes mapas de significação que orientam suas condutas³².

O desafio desse movimento intergeracional de sociabilidade e juvenilização, segundo Della Flora, consiste em superar os elementos que inibem os jovens de participarem do contato original com a cultura³³. Por isso, hoje, juventude e pleno *status* social não são mais, na sociedade contemporânea, termos tão contraditórios; pelo contrário, tendem até a coincidir, com importante ressalva de que a “juventude” foi totalmente deturpada e alienada em relação a valores de autonomia e inconformismos, suas relações interindividuais e por fim suas trajetórias e entrada na vida adulta.

Neste sentido, afirmamos a necessidade de uma cultura pública democrática para o reconhecimento estímulo das potencialidades juvenis, nem que sejam estas apenas para elaborações subjetivas de uma dada geração. Se isso não ocorrer espontaneamente ou de forma provocada, acreditamos que será reivindicada como necessidade para um processo de transição. Acontecendo

assim, de forma enviesada, será, por conseguinte mais labutada do que o necessário, acarretando prejuízos sociais para ambas as gerações, adulta e juvenil.

Notas

¹ HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

² MANNHEIM, Karl. *Sociologia*. Coleção Os Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.

³ Referimo-nos ao “saber não sabido” referenciado por Certeau (*A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994). Para ele, entre a prática e a teoria há uma terceira posição: o saber não sabido. Trata-se de saberes sobre os quais os sujeitos não refletem. Tais saberes são, às vezes, reconhecidos por outro, mas não por seu proprietário.

⁴ GROppo, Luis Antonio. *Juventude – ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

⁵ Groppo (*op. cit.*, p. 43) menciona três: sistema escolar educacional, agências juvenis mantidas por adultos e grupos juvenis espontâneos.

⁶ GROppo, Luis Antonio, *op. cit.*, p. 49.

⁷ *Idem*, p. 43.

⁸ MELLUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação- ANPED – Juventude e Contemporaneidade*. n. 5/6, 1997, p. 48.

⁹ *Idem*, p. 23. Lembramos que Mellucci trata de movimentos sociais, mas são suas considerações sobre os espaços utilizados por tais movimentos é o que nos interessa.

¹⁰ *Idem*, p. 49.

¹¹ *Idem*, p. 89.

¹² *Rapper* é quem curte ou pratica *rap* ou *Hip Hop*, um movimento cultural iniciado no final da década de 1960 nos Estados Unidos como forma de reação aos conflitos sociais e à violência sofrida pelas classes menos favorecidas da sociedade urbana. É uma espécie de cultura das ruas, um movimento de reivindicação de espaço e voz das periferias, traduzido nas letras questionadoras e agressivas, no ritmo forte e intenso e nas imagens grafitadas pelos muros das cidades. O *Hip Hop* como movimento cultural é composto por quatro manifestações artísticas principais: o canto do *rap* (sigla para *rythm-and-poetry*), a instrumentação dos DJs, a dança do *break dance* e a pintura do grafite. O termo música *Hip Hop* refere-se aos elementos *rap* e *DJ*, sendo *Hip Hop* também usado como sinônimo de *rap*.

¹³ Também escrito *rock 'n' roll*, é um gênero de música que emergiu e se definiu no sul dos Estados Unidos durante a década de 1950, rapidamente se espalhando pelo resto do mundo. Evoluiu mais tarde para diversos subgêneros no que hoje é definido simplesmente como “rock”. Atualmente, o termo “*rock and roll*” tem diversos significados, seja para definir o rock tradicional ao estilo dos anos de 1950, ou para definir o rock surgido posteriormente, e até mesmo certas vertentes da música pop.

¹⁴ Abreviação do inglês *emotional*, é um gênero de música derivado do Hardcore. O termo foi originalmente dado às bandas do cenário punk de Washington DC, que compunham num lirismo mais emotivo que o habitual.

¹⁵ Por estarem caracterizados com estilos/roupas da moda atual, os denominamos de “jovens padronizados pelo consumo” para diferenciá-los dos demais.

¹⁶ MAGNANI, J.G.C. “Circuito de Jovens”. In: MAGNANI, J.G.C.; SOUZA, B.M. (orgs.). *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo; Ed. Terceiro Nome, 2007, p. 15-22. Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou oferta de determinado serviço por meio de estabelecimento, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido por seus usuários habituais. Ou designa

um uso dos espaços e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros.

¹⁷ COSTA, S. Esfera Pública, Redescoberta da Sociedade Civil e Movimentos Sociais no Brasil. Uma Abordagem Tentativa. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 38, 1994, p. 38-52.

¹⁸ *Idem*, p. 33.

¹⁹ GROPPPO, Luis Antonio, *op. cit.*

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Ibidem*.

²² ABAD, Miguel. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. *Última Década*, Vinã del Mar, CIDPA, março 2002.

²³ MANNHEIM, Karl, *op. cit.*

²⁴ *Idem*, p. 75.

²⁵ Groppo (*Uma onda mundial de revoltas. Movimentos Estudantis de 1968*. Piracicaba: Editora Unimep, 2005) referencia o jovem como instrumento, citando o exemplo das guerras, principalmente o movimento Hitlerista, onde o jovem assumia uma causa adulta como sua. Hoje um bom exemplo são os dos jovens moldados para o consumo.

²⁶ Encontramos nas ruas de Blumenau *skatistas, rappers, heavy metals, EMOs* ou simplesmente adeptos do *Rock and Roll* e aqueles sem referencial específico, mas que acabam por se enquadrar no padrão consumista de marcas.

²⁷ CHAUÍ, Marilena. A nação como semióforo. In: *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

²⁸ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2005.

²⁹ HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*.

³² Diz respeito à sensação de imortalidade própria dos jovens. O gosto pelo perigo e pelo desafio, a audácia de tomar determinadas atitudes e praticar determinados atos, muitas vezes é confundida com a irresponsabilidade (MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, Mario (org.) *La juventud es más que una palabra - Ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Edit. Biblos, 2000, p. 13-30).

³³ DELLA FLORA, Angela. A Teologia da Libertação e a Formação Política Cristã de uma Geração de Jovens Rurais Militantes na Diocese de Chapecó – SC. Dissertação de Mestrado. PPGSP/UFSC/2007.

Referências bibliográficas

ABAD, Miguel. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. *Última Década*, Vinã del Mar, CIDPA, março 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2005.

CAREZIA, Roberto Marcelo. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri (orgs.). *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. A nação como semióforo. In: *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COSTA, S. Esfera Pública, Redescoberta da Sociedade Civil e Movimentos Sociais no Brasil. Uma Abordagem Tentativa. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 38, 1994, p. 38-52.

DELLA FLORA, Angela. A Teologia da Libertação e a Formação Política Cristã de uma Geração de Jovens Rurais Militantes na Diocese de Chapecó – SC. Dissertação de Mestrado. PPGSP/UFSC/2007.

- FLORES, Maria Bernadete Ramos; WOLFF, Cristina Scheibe. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.
- GROPPO, Luis Antonio. *Juventude – ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- GROPPO, Luis Antonio. *Uma onda mundial de revoltas. Movimentos Estudantis de 1968*. Piracicaba: Editora Unimep, 2005.
- HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- MACHADO, Ricardo. *De Colônia a Cidade: propriedade, mobilidade e ordem pública em Blumenau em fins do século XIX*. Dissertação de Mestrado/História/UFSC, 2006.
- MAGNANI, J.G.C. Circuito de Jovens. In: MAGNANI, J.G.C.; SOUZA, B.M. (orgs.). *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007, p. 15-22.
- MANNHEIM, Karl. *Sociologia*. Coleção Os Grandes Cientistas Sociais São Paulo: Ática, 1982.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, Mario (org.) *La juventud es más que una palabra - Ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Edit. Biblos, 2000, p. 13-30.
- MELLUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação- ANPED – Juventude e Contemporaneidade*, n. 5/6, 1997.
- SOUZA, Janice Tirelli Ponte de. *As insurgências e as novas narrativas políticas contra o instituído*. Cadernos de Pesquisa Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, UFSC, Florianópolis n. 32, 2002.